

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, LETRAS E ARTES  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LIBRAS**

**SELMIR GARCIA BEZERRA**

**ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO DE SURDOS COM OUVINTES NÃO-  
SINALIZANTES EM RIO BRANCO**

**RIO BRANCO**

**2024**

**SELMIR GARCIA BEZERRA**

**ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO DE SURDOS COM OUVINTES NÃO-  
SINALIZANTES EM RIO BRANCO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Universidade Federal do Acre, como requisito parcial, para obtenção de título de Licenciado em Letras Libras.

Orientadora: Professora Doutora Vivian Gonçalves Louro Vargas

**RIO BRANCO**

**2024**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

---

B574e Bezerra, Selmir Garcia, 1967 -  
Estratégias de comunicação de surdos com ouvintes não-sinalizantes em Rio Branco / Selmir Garcia Bezerra; Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Vivian Gonçalves Louro Vargas. -2024.  
34 f.: il.; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Acre, Centro de Educação, Letras e Artes, Licenciatura em Letras Libras, Rio Branco, 2024.

Inclui referências bibliográficas.

1. Interação. 2. Ouvintes não-sinalizantes. 3. Surdos sinalizantes. I. Vargas, Vivian Gonçalves Louro (Orientador). II. Título.

CDD: 419

---

**SELMIR GARCIA BEZERRA**

**ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO DE SURDOS COM OUVINTES NÃO-  
SINALIZANTES EM RIO BRANCO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Universidade Federal do Acre, como requisito parcial para obtenção de título de Licenciado em Letras Libras.

Rio Branco, \_\_\_\_ de março de 2024.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Professora Doutora Vivian Gonçalves Louro Vargas - Orientadora  
Universidade Federal do Acre

---

Professora Doutora Rosane Garcia Silva  
Universidade Federal do Acre

---

Professor Lucas Vargas Machado da Costa  
Universidade Federal do Acre

**RIO BRANCO**

**2024**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus que me conduziu nessa jornada.

Agradeço à minha filha que foi a inspiração para dedicar-me a esse curso.

Agradeço aos professores que, com muita paciência e sabedoria contribuíram com meu desenvolvimento nesse percurso.

Agradeço as orientadoras na contribuição maravilhosa dessa etapa.

Agradeço à minha família que direta ou indiretamente participaram nessa conquista.

Agradeço aos amigos que estiveram comigo nessa fase tão importante.

Sou grato aos intérpretes que, com muito esforço e dedicação, estavam ao meu lado nos momentos de dúvidas e no companheirismo, e a todos aqueles que me ajudaram direta e indiretamente a concluir este trabalho. Gratidão.

“O ser humano será aquilo que a educação fez dele” (Kant).

## RESUMO

A maioria das pessoas surdas interage com o mundo através do uso de recursos visuais, entre eles as línguas de sinais. Porém, grande parte da sociedade ouvinte, usuária das línguas orais-auditivas, desconhece essas línguas. Assim, buscou-se averiguar neste estudo como ocorre a interação de surdos usuários de Libras, na cidade de Rio Branco, AC, com ouvintes não-sinalizantes. Foram feitas entrevistas com três surdos que têm nível superior, com o intuito de observar o processo e analisar as estratégias por eles utilizadas nas mais diversas situações do dia a dia, para compreender e se fazer compreender, em variados contextos sociais, as dificuldades enfrentadas, as barreiras, os preconceitos, as lutas, os avanços e conquistas. Teoricamente, o trabalho traz como referências as pesquisas desenvolvidas por Quadros (2004; 2014), Santos (2004), Cerqueira (2021), entre outros. Após o estudo percebi que os surdos utilizam como estratégias de comunicação com aqueles que desconhecem a Libras, o uso da língua portuguesa escrita, as imagens, o celular, gestos, mímicas. Faz-se necessário que a língua de sinais seja mais valorizada no âmbito escolar, nos órgãos públicos e no seio familiar dos surdos. Esta pesquisa contribuirá para a ampliação e divulgação das línguas de sinais e das comunidades surdas.

Palavras-chave: Interação. Ouvintes não-sinalizantes. Surdos sinalizantes. Rio Branco.

## **ABSTRACT**

Most deaf people interact with the world through the use of visual resources, including sign languages. However, a large part of the hearing society, users of oral-auditory languages, is unaware of these languages. Thus, in this study we sought to investigate how the interaction of deaf users of Libras occurs in the city of Rio Branco, AC, with non-signaling listeners. Interviews were carried out with three deaf people with higher education, with the aim of observing the process and analyzing the strategies used by them in the most diverse everyday situations, to understand and make oneself understood, in various social contexts, the difficulties faced, the barriers, prejudices, struggles, advances and achievements. Theoretically the work brings as references the research developed by Quadros (2004; 2014), Santos (2004), Cerqueira (2021), between others. After the study I realized that deaf people use communication strategies with those who do not know Libras, the use of written Portuguese, images, cell phones, gestures, mimes, [...] sign language needs to be more valued in schools, public bodies and within the families of deaf people, and that the research will contribute to its expansion and dissemination within the deaf community.

**Keywords:** Interaction. Non-signaling listeners. Deaf signers. Rio Branco.

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURA**

CAS/AC Centro de Formação de Profissionais da Educação e Atendimento a Pessoas com Surdez. (Estadual)

CAS/RBO: Centro de Formação de Profissionais da Educação e Atendimento a Pessoas com Surdez (Municipal)

CEADA: Centro de Atendimento ao Deficiente Auditivo

CEES: Centro Estadual de Surdo Prof.<sup>a</sup> Hermínia Moreira Maia

CELA: Centro de Educação, Letras e Artes

LIBRAS: Língua Brasileira de Sinais

LSB: Língua de Sinais Brasileira

UFAC: Universidade Federal do Acre



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>2</b>	<b>AS PESSOAS SURDAS E AS LÍNGUAS DE SINAIS.....</b>	<b>11</b>
2.1	Culturas e identidades – os sujeitos surdos.....	17
<b>3</b>	<b>O PERCURSO DA PESQUISA.....</b>	<b>20</b>
<b>4</b>	<b>ESTRATÉGIAS DOS SURDOS NA INTERAÇÃO COM O ‘MUNDO OUVINTE’.....</b>	<b>22</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>27</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>29</b>
	<b>APÊNDICE.....</b>	<b>32</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Por muitos anos, as pessoas surdas foram vítimas de preconceitos, sendo vistas como incapazes de aprender e interagir socialmente. A língua delas também não era aceita. Apenas após comprovado, por experimentos, que eram capazes de aprender, é que a sociedade começou a ter um olhar para a sua educação.

A pessoa surda, segundo o decreto nº 5.626/2005, em seu artigo segundo, é “[...] aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras” (Brasil, 2005). Ferreira destaca que o surdo:

[...] é o sujeito que, por não ouvir ou ter dificuldade com tal, se comunica, compreende, vivencia e experimenta o mundo através de uma língua gestual visual, neste caso a Língua Brasileira de Sinais, podendo executar qualquer atividade que não dependa exclusivamente da sua percepção sonora, mas através da sua maior sensibilidade a informações visuais (Ferreira *et al*, 2011, p. 39).

Entretanto, grande parte da sociedade é composta por ouvintes que utilizam línguas orais-auditivas e que desconhecem as línguas visuais. Dessa forma, os surdos se deparam, em muitos momentos, com barreiras comunicacionais, não sendo todos os locais a eles acessíveis, visto o número reduzido de tradutores-intérpretes de Libras e o não uso dessa língua pela maioria das pessoas.

Muitas vezes os ouvintes se assustam quando se deparam com pessoas surdas, visto não saberem como agir, recorrendo em alguns casos à oralização em um tom de voz mais elevado, o que não funciona. Em seu cotidiano, os surdos têm dificuldade em resolver de forma autônoma questões relacionadas à sua saúde, aos setores financeiro, jurídico e formativo, estando na dependência de um tradutor-intérprete de Libras ou mesmo de algum familiar e/ou amigo, para mediar as relações com ouvintes não-sinalizantes.

Art. 2º O tradutor e intérprete terá competência para realizar interpretação das 2 (duas) línguas de maneira simultânea ou consecutiva e proficiência em tradução e interpretação da Libras e da Língua Portuguesa (Brasil, 2010). A profissão de tradutor/intérprete de Libras foi regulamentada pela Lei 12.319/2010.

Esse tipo de situação, por mim presenciada diversas vezes, motivou este estudo, pois eu tenho uma filha surda, sendo ela minha inspiração nesse curso, e que

se depara diariamente com a falta de comunicação, encontrando muitas barreiras em seu cotidiano. Eu consigo me comunicar com ela, pois fui me acostumando com o seu jeito e aprendendo a língua de sinais; a mãe dela também é usuária de Libras. Entretanto, tenho observado que com alguns familiares e em situações diversas o entendimento ocorre a partir de estratégias diferentes, sendo usadas outras formas que não a língua de sinais. Assim, tive o interesse de verificar como outros surdos interagem nos mais variados setores sociais, nos quais a Libras não é utilizada, observando as dificuldades por eles encontradas. Dessa forma, esta pesquisa teve o objetivo investigar quais as estratégias utilizadas pelos surdos na comunicação com ouvintes não-sinalizantes, em Rio Branco, Acre.

A maioria dos surdos nasce em famílias ouvintes que desconhecem as línguas visuais, sendo estabelecidos naquele ambiente outros meios de interação. Com o intuito de verificar como ocorre essa comunicação, não apenas no ambiente familiar, foram elencados quatro objetivos específicos: Observar a que recursos os surdos recorrem no momento de comunicação com ouvintes não-sinalizantes; Averiguar a relação dos recursos comunicacionais utilizados com as situações do uso; Verificar se a partir das estratégias escolhidas os surdos conseguem se fazer entender; Observar prejuízos causados pela falta de entendimento na interação dos surdos com ouvintes não-sinalizantes.

Assim, surdos e ouvintes têm formas diversas de se relacionarem com o mundo, sendo importantes os estudos nos quais são trazidas especificidades das culturas e identidades surdas, visto auxiliarem as pessoas que não têm contato frequente com os surdos, mostrando estratégias<sup>1</sup> que podem ser utilizadas para se comunicarem com eles.

Com este intuito, este texto está organizado em três capítulos, sendo o primeiro intitulado “As pessoas surdas e as línguas de sinais”, nos quais são trazidas algumas discussões sobre os surdos, suas maneiras de se relacionarem entre si e com seu entorno e sobre as línguas de sinais; no capítulo II, “O percurso da pesquisa” é mostrada a metodologia utilizada para a realização do trabalho, apresentando o caminho trilhado no decorrer da pesquisa; no terceiro capítulo, “Estratégias dos surdos na interação com o ‘mundo ouvinte” são apresentados os surdos participantes do

---

<sup>1</sup> Cerqueira (2021) chama essa estratégia de comunicação de “sinais caseiros”.

estudo, seus pontos de vista em relação à interação com os ouvintes e as análises das entrevistas.

Dessa maneira, este trabalho tem o intuito de contribuir com os estudos relacionados aos surdos, sua educação, culturas e identidades, visando reduzir preconceitos e estereótipos.

## 2 AS PESSOAS SURDAS E AS LÍNGUAS DE SINAIS

É natural os seres humanos terem a expectativa de ensinar aos seus filhos e netos questões culturais que têm feito parte de suas vidas, como canções, piadas, brincadeira, entre outros. Entretanto, quando se detecta que a criança é surda surgem os questionamentos de como isso pode acontecer, visto haver um impedimento físico, causando uma barreira linguística que dificulta a interação a partir de línguas orais.

A maioria dos surdos nasce em famílias ouvintes que ao longo do tempo vêm buscando orientações clínicas para tentar “sanar/reduzir o problema”, sendo a orientação recebida a de tentar “normalizar” esses sujeitos, para que eles busquem desenvolver a oralização e assim consigam se comunicar com as pessoas ao seu entorno e nos mais diversos setores sociais.

O oralismo, ou filosofia oralista, usa a integração da criança surda à comunidade de ouvintes, dando-lhe condições de desenvolver a língua oral (no caso do Brasil, o Português). O oralismo percebe a surdez como uma deficiência que deve ser minimizada através da estimulação auditiva (Goldfeld, 1997, p. 30).

Entretanto, essa estratégia, na maioria dos casos não funciona, pois eles passavam anos de suas vidas em exaustivos treinamentos fonoaudiológicos e não conseguiam estabelecer comunicação efetiva nem com seus familiares. Com o passar do tempo foi sendo observado que as “condições” supostamente dadas por essa abordagem não eram efetivas e os surdos continuavam sem conseguir estabelecer comunicação.

Nessa proposta, a criança, desde a mais tenra idade, já deve ser submetida a um processo de reabilitação que inicia com a estimulação auditiva e que consiste no aproveitamento dos resíduos auditivos para possibilitá-la na discriminação dos sons que ouve. Algumas metodologias são utilizadas, como: a leitura oro-facial, vibração corporal para chegar à compreensão da fala (Albres, 2005, p. 31).

O Decreto 5.626/2005 considera como sendo pessoa surda: Art. 2º [...] aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras” (Brasil, 2005).

Percebeu-se que o que contribui para o desenvolvimento e interação dos surdos é a aquisição de uma língua visual-espacial. Dessa forma, a língua de sinais é

muito importante para as pessoas surdas sendo, assim como as línguas orais, sistemas linguísticos com regras específicas com os quais é possível formar uma infinidade de frases. Essa criatividade é enriquecida pelas interações sociais, transformadoras das expressões linguísticas.

As línguas de sinais das comunidades surdas brasileiras são línguas visuais-espaciais, sendo consideradas línguas naturais, tendo várias características comuns às línguas orais-auditivas: produtividade ilimitada (no sentido de que permitem a produção de um número ilimitado de novas mensagens sobre um número ilimitado de novos temas); criatividade (no sentido de serem independentes de estímulo); multiplicidade de funções (função comunicativa, social e cognitiva – no sentido de expressarem o pensamento); arbitrariedade da ligação entre significante e significado, e entre signo e referente; e articulação desses elementos em dois planos – o do conteúdo e o da expressão (Quadros; Schmiadt, 2006, p. 13). Percebeu-se e comprovou-se que a língua de sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças (Quadros; Karnopp, 2004, p. 30).

A língua não é apenas um instrumento, mas um modo de identificação, produzindo significados culturais, individuais e sociais. Ao estruturarmos nossos pensamentos e ações, ela faz a mediação entre as nossas experiências e a do outro com o qual interagimos socialmente, nos ajudando a organizar o mundo à nossa volta.

[...] Uma língua-cultura, desse modo, é um fenômeno social e simbólico de construção da realidade que nos cercam, e o modo de construirmos os nossos pensamentos e estruturarmos as nossas experiências e as partilharmos com os outros (Santos, 2004, p. 178-179).

A aprendizagem da língua de sinais é essencial para que os surdos desenvolvam sua subjetividade, identidades e se percebam como capazes, como pertencentes a uma cultura visual, a chamada cultura surda, e não como pessoas incapazes por não utilizarem a língua oral majoritária.

Cultura surda refere-se aos códigos próprios dos surdos, suas formas de organizações de solidariedade, de linguagem, de juízos de valor, de arte etc. Os surdos envolvidos com a cultura surda autorreferenciam-se como participantes da cultura surda, mesmo não tendo eles características que sejam marcadores de raça ou de nação (Sá, 2006, p. 9).

Porém, os pais de crianças surdas em sua maioria, aproximadamente 95%, não têm conhecimento sobre o que é a língua de sinais, ou de sua importância para o desenvolvimento dos surdos e acesso ao conhecimento necessário para a formação identitária deles.

O sujeito surdo precisa ser exposto à língua de sinais o mais precocemente possível, pois nenhuma língua se desenvolve de forma espontânea. Se isso não acontecer, ocorrerá um atraso na maturidade cerebral dessa pessoa, pois a aquisição de sua gramática ocorre de um jeito muito parecido a da língua falada e, também, mais ou menos na mesma idade. A insistência na oralização que pode prejudicar o surdo (Quadros; Karnopp, 2004, p. 33).

Embora seja conhecida a importância das línguas de sinais para as pessoas surdas e sua acessibilidade comunicacional seja garantida por lei, conforme consta no artigo 17, da Lei nº 10.098/2000, ela nem sempre ocorre.

Art. 17. O Poder Público promoverá a eliminação de barreiras na comunicação e estabelecerá mecanismos e alternativas técnicas que tornem acessíveis os sistemas de comunicação e sinalização às pessoas portadoras<sup>2</sup> de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação, para garantir-lhes o direito de acesso à informação, à comunicação, ao trabalho, à educação, ao transporte, à cultura, ao esporte e ao lazer (Brasil, 2000).

Para que seja cumprida a legislação é preciso a ampliação do número de pessoas conhecedoras/usuárias da Libras e de mais profissionais que trabalhem em seu ensino e pesquisa, além da presença de tradutores/intérpretes nos mais variados espaços sociais. A criação dos cursos de Letras Libras, licenciatura, para formar os professores de Libras, e bacharelado, voltado à formação dos tradutores/intérpretes, a partir de 2006, tem contribuído de forma significativa com a difusão da Libras, dando maior visibilidade à língua e à comunidade surda, sendo ampliadas de forma significativa as pesquisas da área (Quadros, 2014, p. 15-47).

Esse curso representa a perseverança dos surdos que, por anos, foram rotulados como deficientes, sendo uma graduação que foca no estudo da língua de sinais, aprofundando questões relacionadas à sua gramática e, por conseguinte, à sua estrutura, mas que também traz discussão referentes à

---

<sup>2</sup> O Plenário do Senado aprovou em 2017 a Proposta de Emenda à Constituição nº 25 com o intuito de padronizar, no texto da Constituição Federal, as referências às pessoas com deficiência. Dessa forma, os termos “pessoa portadora de deficiência” ou “portador de deficiência” serão substituídos por “pessoa com deficiência”, nomenclatura utilizada pela Convenção Internacional sobre o Direito das Pessoas com Deficiência. Ao ser utilizado o termo “portador” subentende-se que a pessoa esteja carregando algo e que a qualquer momento ela pode dele se desfazer, o que não corresponde à realidade (Brasil, PEC 25, 2017).

história dos surdos e de suas culturas e tem em seu projeto o respeito às especificidades linguísticas dos surdos (Vargas, 2023, p. 75).

Outros fatores importantes nesse processo foram a inserção da Libras nos cursos de licenciatura como disciplina obrigatória (Decreto nº 5.626/2005) e o reconhecimento legal da profissão de tradutor/intérprete, em 2010, pela Lei 12.319.

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§ 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério (Brasil, 2005).

Sabe-se da importância da língua de sinais para os surdos, porém, em muitos momentos de seu dia a dia ele irá se deparar com ouvintes que não a conhecem, mesmo no ambiente familiar, devendo de alguma forma procurar estratégias para interagir. Como comentado, a oralização nem sempre é um recurso através do qual conseguem se expressar e/ou compreender o que está sendo discutido em seu entorno.

Com as pessoas próximas, com as quais os surdos têm mais contato, especialmente as do ambiente familiar, no qual as línguas de sinais não são utilizadas, é criado um sistema de comunicação chamado de Língua de Sinais Caseiras:

[...] alguns surdos – filhos de pais ouvintes, não-sinalizantes e falantes do português – que vivem ou viveram isolados de comunidades surdas, exibem representações subjetivas de objetos e situações; outros, estrutura similar à língua de sinais propriamente dita; outros, ainda, comunicam-se por meio de um sistema linguístico gestual (Cerqueira, 2021, p. 27).

Entretanto, esses sinais são estabelecidos e utilizados no âmbito familiar, surgindo no cotidiano, no contato entre os surdos e aqueles que lhe são mais próximo, não sendo, provavelmente, compreensíveis em outros espaços.

Dessa forma o surdo, como faz parte de uma sociedade composta por maioria ouvinte, organizada em grande parte por eles e para eles, precisa desenvolver formas, estratégias, para resolver questões nas quais necessita estar em contato com ouvintes desconhecidos, buscando maneiras de se fazer entender.



Um recurso que vem sendo por eles utilizado é a escrita, na qual interagem através da língua portuguesa. De acordo com a Lei nº 10.436 “A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa” (Brasil, 2002). Entretanto, os surdos são incluídos em salas de aulas nas quais a quase totalidade dos alunos e professores são ouvintes não usuários de Libras, sendo que nesses ambientes a língua portuguesa é trabalhada com metodologias voltadas para aqueles cuja aquisição da língua já ocorreu.

Apesar de os surdos terem o direito, muitas vezes visto pelos ouvintes como um favor, de frequentar a escola regular, questiona-se se o trabalho desenvolvido em salas que tenham alunos surdos e ouvintes, realmente atinge a todos. Podemos observar que as escolas regulares são estruturadas, organizadas e com metodologias pensadas, em sua maioria, para os alunos ouvintes. Muitas vezes, com raríssimas exceções, pensa-se no aluno surdo. [...] Assim, mesmo com a tão divulgada inclusão, o surdo continua sendo “o outro” na sala de aula do ouvinte, “o outro” que muitas vezes é esquecido, deixado de lado, isolado, ficando à margem do processo educacional (Vargas; Souza, 2021, p. 10).

Observa-se que a forma como a língua portuguesa vem sendo trabalhada não tem atendido às especificidades das pessoas surdas. Defende-se, dessa maneira, uma abordagem bilíngue, em que os surdos devem ter a língua de sinais como primeira língua e o português como segunda língua, na modalidade escrita. Inclusive, recentemente, o bilinguismo foi acrescentado à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional como uma modalidade de educação de surdos (Lei nº 9394/96). Em seu artigo 60-A a Lei nº 14.191/2021 esclarece o que se entende por educação bilíngue de surdos:

Art. 60-A. Entende-se por educação bilíngue de surdos, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida em Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua, e em português escrito, como segunda língua, em escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos, escolas comuns ou em polos de educação bilíngue de surdos, para educandos surdos, surdo-cegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas, optantes pela modalidade de educação bilíngue de surdos (Brasil, 2021).

Para o recurso da escrita ser utilizado por surdos na comunicação com ouvintes não sinalizantes, é preciso que eles sejam alfabetizados em língua portuguesa, o que não é a realidade de todos. Mesmo aqueles que têm tido contato

com o português escrito na escola, têm especificidades em suas construções sintáticas que tendem a ser estruturadas na ordem em que sinalizam em Libras, o que gera estranhamento nos ouvintes.

A escrita da língua portuguesa por pessoas surdas é vista por muitos sujeitos como errada, inadequada, não sendo considerada como parte de textos, devido às estruturas linguísticas produzidas por essas pessoas não estarem, muitas vezes, de acordo com a norma padrão da língua portuguesa (Costa; Vargas; Souza, 2022, p. 3).

Assim, é um recurso possível de ser utilizado, entretanto, por poucos surdos e em uma estrutura que, em muitas das vezes, não está de acordo com a chamada norma padrão do português, podendo gerar incompreensão por aqueles que não têm contato frequente com essas pessoas.

Atualmente, o uso de tecnologias tem sido um importante instrumento de acessibilidade e/ou comunicação para os surdos. A internet com seus diversos recursos visuais, suas redes sociais, possibilita às pessoas surdas um outro meio de interação em suas diversas plataformas digitais, principalmente pelas redes sociais.

Uma das plataformas digitais utilizadas por surdos, que se configura como um espaço de comunicação por meio de mensagens instantâneas, é o WhatsApp que, além de permitir a troca de mensagens escritas, também possibilita o uso de outras linguagens como a produção de vídeos, envio de imagens, uso de figurinhas etc. (Costa; Vargas; Souza, 2022, p. 6).

Os sujeitos surdos podem recorrer ao celular, por exemplo, para apresentarem de forma visual o que querem ou pretendem. Por serem pessoas que interagem, principalmente, pela visão, essa é uma forma que pode atender à alguma de suas demandas interacionais de forma satisfatória.

Os surdos, inseridos em uma sociedade com maioria ouvinte, em muitas situações precisam buscar estratégias para entender o que ocorre em seu entorno e se fazer entender:

Assim, os surdos possuem diferentes experiências linguísticas, de forma que a gestualidade muitas vezes é utilizada na comunicação com os ouvintes, buscando fugir do isolamento social resultante da ausência de uma língua a eles acessível (Quadros; Karnopp, 2004, p. 102).

Apesar de diferentes estratégias interacionais utilizadas pelos surdos em uma sociedade majoritariamente ouvinte, as línguas de sinais são muito importantes,

sendo insubstituíveis. Dessa forma, é necessária a sua divulgação e uso nos mais variados espaços sociais o que, além de cumprimento legal, contribui para que o surdo não seja visto como uma pessoa deficiente e incapaz, mas como aquele que interage e se relaciona com o seu entorno utilizando línguas visuais, o que contribui em sua constituição identitária e cultural. É importante ressaltar que há o uso da Libras, caracterizada como uma língua de sinais urbana, e de outras línguas de sinais, sendo no ambiente familiar muitas vezes criada o que se chama de línguas de sinais caseiras (Cerqueira, 2021, p. 23).

As línguas expressam a capacidade específica dos seres humanos para a linguagem, expressam as culturas, os valores e as características sociais de um determinado grupo. Os surdos brasileiros usam, entre outras línguas de sinais, a língua brasileira de sinais, uma língua visual-espacial, que apresenta todas as propriedades específicas das línguas humanas. É uma língua utilizada nos espaços criados pelos próprios surdos, como por exemplo, nas associações de surdos<sup>3</sup>, nos pontos de encontros espalhados pelas grandes cidades, nos seus lares e nas escolas (Quadros, 2004).

## 2.1 Culturas e identidades – os sujeitos surdos

Os surdos, por muitos anos, foram vistos apenas em uma perspectiva clínica, na qual eram diferenciados pelo grau de surdez, suas causas e a idade em que ocorreu, se no período gestacional ou se foi adquirida após o nascimento, ou se era hereditária. O grau de surdez:

[...] pode variar de leve a profundo. A surdez leve pode, entretanto, ir se agravando com o tempo e virar surdez profunda. São limiares de cálculo os resultados em decibéis: normal: até 25 dB, leve: de 26 a 40 dB, moderada: 41 a 55dB, moderadamente severa: de 56 a 70 dB, severa: de 71 a 90 dB, profunda: maior que 91 dB (Gesser, 2009, p. 72).

---

<sup>3</sup> As associações dos surdos são criadas pelos surdos em suas cidades e têm sido importantes nos movimentos sociais dos surdos, nos processos de luta pelo reconhecimento e valorização da Libras e dos surdos. Nesses locais os surdos têm contato com referências culturais, estabelecem redes de relacionamentos, se encontram, interagem, se fortalecem e se reconhecem, construindo novas identidades (Brito, 2013, p. 00).

Entretanto, as pessoas surdas precisam ser percebidas não como pessoas com deficiência, mas como pessoas que possuem especificidades linguísticas, culturais e identitárias, que ocupam espaços de resistência.

Nesse sentido, vale destacar que a diferença se reconhece por meio de processos de tradução. O ser é interpretado como diferente (ou como deficiente) dependendo da posição ou do lugar que ocupa quem define essa diferença e da posição ou do lugar que ocupa aquele que está sendo definido (Perlin, 2000, p. 23).

Apesar de terem como semelhança o fato de não ouvirem, as pessoas surdas, dividido às diferentes experiências sociais - familiares, religiosas, escolares, linguísticas, são diferentes umas das outras, inclusive no que diz respeito às línguas de sinais, seu uso e aceitação. Em relação às questões culturais e identitárias:

Entende-se culturas surdas como identidades culturais de grupos de surdos que se definem enquanto grupos diferentes de outros grupos. "Identidade" é entendida aqui no sentido explicitado por (Silva, 2000, p. 69), como o conjunto de características que distinguem os diferentes grupos sociais e culturais entre si. No campo dos estudos culturais, a identidade cultural só pode ser entendida como um processo social discursivo. Os surdos são surdos em relação à experiência visual e longe da experiência auditiva (Perlin, 1998, p. 54).

Assim, a experiência visual é uma característica comum às pessoas surdas, entretanto, cada uma tem sua história de vida, suas relações e experiências, o que faz com que tenham identidades diversas, que não são fixas, mudando constantemente. Dessa forma,

O surdo não pode ser identificado apenas como aquele que não escuta, pois há várias outras questões que influenciam sua formação, como, por exemplo, o local e a época de nascimento, o ambiente familiar, o contato com outros surdos e com a língua de sinais estão diretamente ligadas à sua formação identitária (Vargas, 2023, p. 30).

São culturas multifacetadas, que apresentam características específicas em relação às experiências visuais surdas, traduzem-se de forma visual, traduzem-se por meio da língua de sinais. A organização do pensamento ocorre de forma diferente à dos ouvintes, sendo de outra ordem, uma ordem com base visual.

Cultura surda refere-se aos códigos próprios dos surdos, suas formas de organização, de solidariedade, de linguagem, de juízos de valor, de arte etc. Os surdos envolvidos com a cultura surda autorreferenciam-se como

participantes da cultura surda, mesmo não tendo eles características que sejam marcadores de raça ou de nação (Sá, 2006, p. 7).

Muitas vezes as formas de organização e interação dos surdos não são compreendidas por grande parte da sociedade ouvinte, que os desconhece. Isso pôde ser percebido durante a realização deste estudo, sendo perceptíveis, em muitas situações, prejuízos e humilhações, que serão trazidos posteriormente no texto, mas também estratégias diversas utilizadas por eles para buscar compreender e se fazer compreender, deixando clara a resistência diária que precisam para se inserir na sociedade.

Os caminhos percorridos para a realização da pesquisa serão apresentados na sequência, sendo trazida a forma escolhida para a geração dos dados.

### 3 O PERCURSO DA PESQUISA

Os surdos enfrentam, diariamente, muitas barreiras, principalmente, no que se refere à comunicação, sendo necessária a busca de estratégias para superar a falta de acessibilidade. Nesse sentido, este trabalho tem o intuito de verificar quais as estratégias dos surdos para interagir em uma sociedade majoritariamente ouvinte, que não conhece a língua de sinais.

O caminho percorrido para o desenvolvimento do trabalho será agora apresentado, especificando a abordagem, a natureza da pesquisa, entre outros. O conhecimento científico precisa evitar julgamentos e ser consistente, sendo necessário, para isso, a definição do método, ou seja, a escolha do percurso trilhado para que o objetivo seja atingido.

Assim, para verificar quais os recursos são utilizados pelos surdos para interagir com ouvintes que não sinalizam foi realizada uma pesquisa de natureza básica que tem o intuito de construir novos conhecimentos úteis, porém sem previsão de serem aplicados.

A abordagem deste trabalho é qualitativa, pois não teve como foco quantificações, mas dirigiu-se à “[...] análise de casos concretos em suas peculiaridades locais e temporais, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais” (Flick, 2009, p. 37).

Dessa forma, foi realizado um estudo de caso, no qual entrevistei três surdos, todos com nível superior completo, usuários de Libras, moradores da cidade de Rio Branco, Acre, tendo o intuito de analisar alguns elementos desse grupo de pessoas e questões de suas vidas, buscando conhecê-los melhor. Pode-se definir o estudo de caso como “[...] Uma categoria de investigação que tem como objeto o estudo de uma unidade de forma aprofundada” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 37).

Os objetivos foram tratados de forma descritiva-exploratória, pois o estudo teve o intuito de verificar o que contribuiu para que um determinado fenômeno ocorresse e propiciar “[...] mais informações sobre o assunto [...], possibilitando sua definição e seu delineamento [...]” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 53).

Por ter uma filha surda e ser aluno do Letras Libras tenho constante contato com pessoas surdas, entre eles amigos de minha filha, e estudantes e docentes do referido curso. Dessa forma não tive dificuldade em conseguir participantes para o estudo. A princípio, entrei em contato com os surdos por mensagens no aplicativo

Whatsapp, os convidando para participar da pesquisa. Após o aceite, encontrei com cada um, na Ufac, para explicar, em Libras, a proposta do trabalho e apresentar o termo de consentimento livre e esclarecido, solicitando que o assinassem. Depois, foi agendado um encontro com os três surdos para a realização da entrevista, que ocorreu em uma sala da Ufac em novembro de 2023, sendo gravadas as respostas dos participantes. A sala foi organizada em um semicírculo, com os participantes posicionados frente à câmera e, à medida em que eu sinalizada as questões, cada um deles respondia.

Após a gravação, fiz a transcrição dos vídeos da Libras para o português, com o intuito de facilitar minha análise, utilizando nomes fictícios para os participantes.

Nas entrevistas eles foram questionados sobre como foi o seu contato inicial com a língua de sinais e com a comunidade surda; como é a interação no ambiente familiar; quais os recursos ele utiliza para interagir com pessoas que não sinalizam; e os prejuízos sentidos devido à falta de acessibilidade linguística. Foram sete as questões apresentadas aos surdos:

- 1) Seu nome, sinal, idade, formação, experiência profissional, nasceu surdo/ouvinte.
- 2) Como foi seu contato inicial com a Libras? E com a comunidade surda?
- 3) Como é a sua interação no ambiente familiar?
- 4) Quais os recursos que você utiliza para interagir com pessoas que não sinalizam?
- 5) Quais os prejuízos sentidos devido à falta de acessibilidade linguística, na escola, no trabalho?
- 6) Você sofre ou já sofreu preconceito por ser surdo?
- 7) Quais melhores estratégias que vocês usam quando encontram pessoas que não sabem Libras?

Os participantes se posicionaram de maneira que fosse possível a gravação da sinalização das respostas das questões, sendo que cada questão era feita aos três. Como não há equipamentos próprios do curso para que eu pudesse utilizar, a gravação foi realizada com o meu próprio celular.

Os participantes da pesquisa serão apresentados na seção seguinte e os pontos apontados por eles serão trazidos na sequência, juntamente com as reflexões por mim realizadas.

#### 4 ESTRATÉGIAS DOS SURDOS NA INTERAÇÃO COM O ‘MUNDO OUVINTE

Os três surdos participantes deste estudo foram escolhidos por morarem em Rio Branco, terem formação superior e por serem pessoas com as quais eu tenho proximidade, o que tornou o meu contato mais tranquilo.

A primeira entrevistada, Marcela, tem 28 anos, sendo egressa do curso de Letras Libras da Ufac, trabalhou como professora em salas de recurso de escolas estaduais na cidade de Rio Branco, mas atualmente trabalha no comércio. O segundo participante, Luiz, tem 41 anos, é licenciado em Pedagogia e Letras Libras, tem experiência com o ensino de Libras nos diversos níveis de ensino sendo, desde 2022, docente do curso de Letras Libras da Ufac. Guilherme foi o terceiro convidado tendo 29 anos, é formado em Letras Português e estudante do curso de Letras Libras da Ufac, atuou como professor de Libras no Centro de Apoio ao Surdo (CAS/Estadual), em Rio Branco. Os três entrevistados nasceram surdos e são de famílias ouvintes o que corrobora com os estudos de Quadros (2011) nos quais afirma que, aproximadamente, 95% dos surdos nascem em famílias ouvintes, que desconhecem a Libras e buscam, inicialmente, interagir com os surdos a partir da língua portuguesa oral.

Em relação ao contato dos surdos com a língua de sinais, há diferentes momentos em que a Libras começa a se fazer presente na vida de cada um. Marcela relata que desde criança tem contato com a língua de sinais, o tendo iniciado no CEADA, depois no CEES e, atualmente, na comunidade surda e no CAS. Luiz e Guilherme iniciaram o contato com a Libras maiores, aos 8 anos, na escola e na associação de surdos<sup>4</sup> e aos 12 anos, na escola e na igreja, respectivamente. Percebe-se que nenhum dos participantes iniciou o contato com a Libras no ambiente familiar, mas na escola, associação<sup>5</sup> de surdos e igreja, confirmando o não uso de

---

<sup>4</sup> As salas de recursos multifuncionais são locais nos quais busca-se ofertar o Atendimento Educacional Especializado (AEE) aos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e com altas habilidades/superdotação. Em relação aos surdos é ofertado o ensino em língua de sinais (abordar temas variados utilizando a língua de sinais para as discussões), o ensino de língua de sinais (trabalhar a língua com os estudantes que a desconhecem, por serem de família ouvinte); e o ensino de língua portuguesa, na modalidade escrita (Ropoli, *et al*, 2010).

<sup>5</sup> As associações são organizações fundadas por surdos em suas cidades, sendo importantes no reconhecimento e na valorização da Libras e dos profissionais surdos. São referências culturais e proporcionam redes de relacionamentos e encontros dos surdos, fortalecendo e construindo suas identidades (Brito, 2013, p. 30).



sinais pela maioria das famílias de surdos. Assim, a interação no ambiente familiar ocorre a partir, principalmente, de gestos e oralização/fala.

A realidade dos Surdos que já estavam no processo de aprender os sinais da Libras demonstrava que eles haviam construído um modo de comunicação próprio no grupo e a situação dos recém-chegados a esse embrião de comunidade sugeria que a interação com familiares ouvintes era fluida, dada a desenvoltura com que sinalizavam alguns fatos entre eles (Cerqueira, 2021 p. 23).

Em outros ambientes, diferentes do familiar, os surdos utilizam de diversos recursos para interagir, para se fazer entender e compreender o que os outros querem lhes dizer. Marcela destaca que:

Uso diversos recursos, dependendo da experiência tento Libras, se percebo que não houve entendimento, tento gestos, mímicas, em alguns casos escrevo ou digito no celular, se a pessoa souber Libras, ótimo, muito melhor (Marcela, novembro de 2023).

Luiz esclarece que:

Dependendo do local, exemplo no médico, tento oralizar/falar, se não conseguir escrevo ou digito no celular; em lojas apresento fotos ou imagem do que preciso, pego, verifico se está certo, pago e pronto, em outra situação, se o celular descarregar, fico sem jeito e vou embora (Luiz, novembro de 2023).

Guilherme afirma, assim como Luiz, que depende de onde está:

Depende do local, por exemplo na família eles escrevem, vou a loja, apresento o recado, pego as coisas, pago e vou embora, em outros casos, uso o celular para mostrar as imagens/fotos, verifico e pago, o desenvolvimento é normal, mas depende, se tiver sorte de ter intérprete para interpretar em Libras, a conversa melhora (Guilherme, novembro de 2023).

Ao analisar os posicionamentos dos entrevistados pude perceber que diversos recursos são por eles utilizados para tentar interagir com os ouvintes. A princípio tentam usar a Libras, que deixa de ser utilizada quando percebem que as pessoas a desconhecem; buscam, dessa forma, recursos como a oralização, gestos/mímicas, a língua portuguesa escrita, o uso de imagem/foto, o uso de tecnologias como o celular e o apontamento. Interessante destacar que, mesmo usando diversos recursos, há momentos em que não conseguem ser compreendidos, deixando de fazer o que precisam e indo embora devido à falta de acessibilidade e às

barreiras comunicacionais, pois muitas vezes as interações são superficiais e/ou confusas.

A oralização, por exemplo, pode gerar dificuldades de entendimento devido a fatores como o posicionamento das pessoas que pode impedir ver com clareza os lábios, a velocidade da fala, o uso de aparelhos odontológicos, bigodes, batons em tons escuros, escolha de palavras desconhecidas pelos surdos ou que são semelhantes nas articulações utilizadas para a pronúncia. Em relação aos gestos/mímicas variam, pois são escolhas individuais, a partir das vivências e experiências culturais de cada pessoa e, além disso, a depender do assunto, não é possível ser discutido a partir desse recurso.

Inclusive, na interação entre os indivíduos, durante o processo comunicativo, percebe-se que as estruturas linguísticas também mudam, já que a língua permite que as intenções comunicativas – convencionadas no grupo – sejam marcadas, não apenas por meio de elementos não verbais, como também no interior da estrutura linguística (Cerqueira, 2021, p. 110).

O português escrito também foi um recurso mencionado pelos surdos para a comunicação com aqueles que desconhecem a língua de sinais, porém, apenas surdos alfabetizados conseguem fazer uso desse recurso. Outra questão relaciona-se ao fato de os surdos terem especificidades em sua escrita, gerando estranhamento e/ou confusão nos ouvintes. Assim, “[...] a escrita da pessoa surda reflete, em certa medida, os conhecimentos que possui, ou não, da comunidade ouvinte. Ou, o quanto a escrita tem função em sua vida, ou ainda reflete o próprio processo de alfabetização a que foi submetida” (Souza, 1998, p. 147). Os surdos tendem a utilizar a ordem de sinalização (ordem sintática da Libras) ao escreverem em língua portuguesa. Nota-se, então “[...] formas específicas de uso do português não preconizadas pelo padrão normativo escrito dessa língua e interferências estruturais da Libras” (Costa; Vargas; Souza, 2022, p.1-2).

O uso de recursos visuais e da tecnologia, especificamente os celulares e seus diversos aplicativos auxilia e facilita a interação dos surdos com a sociedade, em geral, visto serem recursos muito presentes em seu dia a dia. Por serem pessoas que interagem com o mundo por meio de recursos visuais, são facilitadores da interação, contribuindo, em parte, para as relações dos surdos com o seu entorno.

Luiz menciona que a falta de acessibilidade na área de saúde e em bancos é constante e prejudicial, podendo o surdo ser colocado em situações confusas:

[...] nos médicos antigos chego, tento usar gestos e classificadores para tentar me comunicar, mas eles não entendem nada, eles escrevem, mas sua escrita é ruim, pergunto o que está escrito, não entendo nada, então explico para ele perceber onde estou sentindo e como é a dor; mas ele continua falando e escrevendo, mas não tem comunicação, não consigo estabelecer comunicação. Em outros médicos, por exemplo, médica nova, quando chego, explico o que estou sentindo e o local da dor, ela se esforça para entender os gestos e os classificadores, então coloca na receita médica o nome dos medicamentos e a hora que devo tomar; com os médicos mais antigos é difícil a comunicação, não consigo estabelecer comunicação, mas com os médicos mais jovens, consigo me comunicar com gestos e mímicas. No banco tento gestos e mímicas, mas não tem entendimento, então escrevo e explico o que quero através da escrita, tudo certo, explico que quero dinheiro para comprar um carro, eles entendem e emprestam o valor, assino, digito a senha e vou embora. Em alguns bancos uso os gestos e mímicas, mas não tem comunicação e é proibido o uso do celular, estranho essas situações, diferentes. No supermercado, coloco o que quero no carrinho, e quando vou pagar, no cartão de crédito, débito ou dinheiro, eles entendem, já em outros estabelecimentos, não tenho comunicação, é preciso chamar outras pessoas, é muita espera, então passo as coisas, e explico em gestos e mímicas como será o pagamento; dependendo do local como uso gestos e mímicas consigo me comunicar (Luiz, novembro de 2023).

Percebo que mesmo havendo legislações que garantam a acessibilidade dessas pessoas nos mais diversos setores públicos, isso não ocorre, tendo o surdo que buscar a todo o momento estratégias para entender o que é dito e se fazer entender ou ir com algum conhecido que sinaliza e/ou algum familiar:

Assim, em diversos setores sociais os surdos sentem-se prejudicados devido à falta de comunicação. Marcela trouxe algumas falas que exemplificam prejuízos frequentes em sua vida:

Eu sinto prejuízo no médico, como me comunicar, é difícil, tenho prejuízo com o que estou sentindo. [...] Dentro do trabalho, dependendo tem reunião, eles falam e falam, é muito difícil saber do que se trata, eles escrevem o resumo da conversa, me sinto muito ruim, falta acessibilidade. [...] Já sofri bullying na escola, no trabalho, e na faculdade também já sofri, eles me humilham porque sou surda” tem zombaria e gestos que me incomoda até hoje. [...] (Marcela, novembro de 2023).

Os prejuízos são diversos, na área de saúde, no trabalho, na escola/faculdade. Luiz e Guilherme também fazem apontamentos em relação a essa questão:

Também no trabalho e em diversos lugares, por exemplo na saúde, e em diversas lojas tenho muito prejuízo”. Precisa aumentar o desenvolvimento e a divulgação da língua de sinais, falta isso. [...] Também em diversos lugares, as pessoas olham com olhar de desprezos, fico incomodado, falam com zombaria, com piadas, acho estranho, eles fazem uns sinais que me sinto mal. [...]” (Luiz, novembro de 2023).

Então no médico tenho muito prejuízo, sempre vou junto com meu pai ou minha mãe, eles vão junto sempre, tem barreiras muito difícil. [...] Também no trabalho e em outros lugares, tem barreiras, como as pessoas não sabem nada de Libras, tenho prejuízo. Então, na escola eles querer humilhar, fazem piadas e gestos são muitas provocações, é difícil tenho muito prejuízo. [...]” (Guilherme novembro de 2023).

Essas situações mostram a falta de autonomia e privacidade que os surdos enfrentam diariamente. Dessa maneira, observamos que, devido à falta de acessibilidade e ao desconhecimento da língua de sinais pela maioria das pessoas, os surdos precisam tentar de diversas maneiras, buscando recursos outros que não seja a sua língua, formas para realizarem suas atividades diária, tentando se incluir na sociedade. Isso causa, em muitas situações, incompreensões ou interações superficiais, prejudicando a autonomia das pessoas surdas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme relato dos entrevistados, apanhado de todo trabalho e objetivos, as estratégias utilizadas pelos surdos no dia a dia, em diversos locais e em situações diferentes, as barreiras por eles enfrentadas são das mais diversas naturezas, o processo de como cada caso ocorre e das diferentes maneiras, eles se sentem constrangidos pelo desconhecimento da sociedade em relação à língua de sinais, suas culturas e suas identidades.

Em vários contextos e diferentes locais, eles são tratados como incapazes, como coitadinhos, como se fossem totalmente dependentes dos outros. Percebe-se que, na verdade, eles são capazes de executar suas tarefas, mas precisam de acessibilidade em sua língua. Os preconceitos por eles enfrentados existem nos mais diversos locais e setores, muitas pessoas consideram que eles são incapazes de aprender diversas coisas, existindo muitos mitos em torno dessas pessoas.

Os surdos interagem das mais diversas maneiras, como percebemos nas entrevistas realizadas, buscando entender e se fazer entender, muitos usam a oralização, mesmo sendo um dos recursos mais difíceis, devido ao posicionamento do interlocutor nem sempre ser favorável, podendo ele estar falando de lado, de costa, com alguma coisa na boca, falar gírias, ou mesmo gesticulando diferente do contexto. Eles se esforçam para entender, eles utilizam a língua portuguesa escrita para se comunicar, utilizam o celular para digitar, caso falte papel, caneta ou lápis, recorrem aos gestos, às mímicas, apontam as coisas que querem e estão na visão, recorrem aos sinais caseiros, usam os classificadores em algumas situações, buscando estabelecer comunicação, o que nem sempre ocorre.

Conforme os relatos dos entrevistados, a divulgação de sua língua, suas identidades e suas culturas pelos meios de comunicações, a oferta de cursos da língua de sinais, são necessárias para que haja informação nos mais diversos contextos sociais, pois os prejuízos por eles relatado são muitos. Devido às barreiras na comunicação e o interesse do interlocutor em se esforça para entender ou mesmo querer ser entendido, existem casos em que o uso do celular é proibido, dificultando ainda mais a comunicação, podendo acontecer de o celular descarregar, dificultando ainda mais o entendimento, pois o surdo não poderá digitar o que queria informar, ou mesmo mostrar fotos ou imagens do que pretendia. Outros relatos são das humilhações acontecidas com eles por serem surdos, que podem ser percebidas em

diversas situações nas quais são tratados com olhar de desprezo, com zombarias e piadas. Observamos que eles sofrem bullying nas escolas, no trabalho e em diversos lugares, alguns chegam a fazer gestos obscenos para eles, e são deixando de fora das conversas, ou das reuniões, chegando para eles somente o resumo do que foi conversado, causando grandes desconforto e exclusão deles. Mesmos assim, eles continuam com suas lutas para conseguir seus espaços, respeito e seus direitos na sociedade.

Os percalços existem e os surdos tentam atenuá-los, lutando diariamente por espaço. Alguns passos já foram dados, muitas conquistas são consideradas, mas as imposições/dificuldades ainda são muitas. Mesmo com divulgações, formações de novos professores em Letras Libras e cursos da área, o desconhecimento da língua de sinais ainda é algo perceptível, pois a maioria da população não interage utilizando essa língua, causando dificuldades para a acessibilidade e comunicação dos surdos, transtornos, prejuízos e humilhações a eles. As leis existem, mas pouco são divulgadas ou mesmo cumpridas, gerando desconforto e desrespeito aos surdos.

Os relatos dos surdos participantes da pesquisa contribuíram consideravelmente para a percepção de situações diversas pelas quais eles passam em seu dia a dia, confirmando a necessidade da língua de sinais para estas pessoas e para a sua inserção na sociedade.

## REFERÊNCIAS

ALBRES, Neiva de Aquino. **A educação de alunos surdos no Brasil do final da década de 1970 a 2005**: análise dos documentos referenciadores. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) - Fundação Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Campo Grande, p. 129. 2005.

BRASIL. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a língua de sinais - Libras e o Art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm). Acesso em: 30 jul. 2023.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 22 ago. 2023.

BRASIL. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm). Acesso em: 20 jul. 2023.

BRASIL. **Lei nº 14.191**, de 3 de agosto de 2021. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2019-2022/2021/Lei/L14191.htm#art1](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2021/Lei/L14191.htm#art1). Acesso em 22 dez. 2021.

BRASIL. **Lei nº 10.098** de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2000/lei-10098-19-dezembro-2000-377651-publicacaooriginal-1-pl.html> Acesso em: 10 out. 2023.

BRASIL. **Lei nº 12.319**, que regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm). Acesso em: 8 jan. 2024.

BRASIL. **Proposta de Emenda Constitucional nº 25, de 2017**. Altera os arts. 7º, 23, 24, 37, 40, 201, 203, 208, 227 e 244 da Constituição Federal para incorporar-lhes a nomenclatura “pessoa com deficiência”, utilizada pela Convenção Internacional sobre o Direito das Pessoas com Deficiência. Brasília, DF: Senado Federal, 2017. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/129807>. Acesso em: 28 dez. 2023.

BRITO, Fábio Bezerra de. **O movimento social surdo e a campanha pela oficialização da língua brasileira de sinais**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

CERQUEIRA, Ivanete de Freitas. **Vendo vozes e ouvindo mãos:** o que os sinais caseiros nos dizem sobre a aquisição de linguagem ou da linguagem. Tese (Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura) - Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2021.

COSTA, L. V. M. da; VARGAS, V. G. L.; SOUZA, S. L. de. **Textos escritos por surdos em mensagens no aplicativo Whatsapp:** organização de sentidos e perspectivas de ensino de português escrito como segunda língua. Revista Sinalizar, Goiânia, v. 7, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/74169>. Acesso em: 20 ago. 2023.

FERREIRA, Adir Luiz; WECK, João Tadeu; SILVA, João Edmilson Felipe da; SOUZA, Margarete Ferreira do Vale de; SANTOS, Paulo Roberto de Andrade. **O que é Libras?** Fundamentos para a educação inclusiva de surdos: módulo 1 – Natal, 2011.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa.** Coleção Pesquisa Qualitativa. Porto Alegre: Bookman, Artmed, 2009.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GOLDFELD; Márcia. **A criança surda:** linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista. São Paulo: Plexus, 1997.

PERLIN, G. **Identidades Surdas.** Em Skliar, Carlos (org.) A Surdez: um olhar sobre as diferenças. Editora Mediação. Porto Alegre.1998.

PERLIN, G. **Identidade Surda e Currículo.** Em Surdez - Processos Educativos e Subjetividade. Cristina Broglia Feitosa Lacerda e Maria Cecília Rafael de Góes (org.) Lovise. São Paulo. 2000.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUADROS, Ronice Muller de (Org). **Letras Libras:** ontem, hoje e amanhã. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

QUADROS, Ronice Muller de; Karnopp, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira:** estudos linguísticos. ArtMed: Porto Alegre, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Magali LP. **Ideias para ensinar português para alunos surdos.** Brasília: MEC, SEESP, 2006.

ROPOLI, Edilene Aparecida; MANTOAN, Maria Teresa Égler; SANTOS, Maria Terezinha da Consolação Teixeira dos; MACHADO, Rosângela. **A Educação Especial na perspectiva da Inclusão Escolar.** A Escola Comum Inclusiva. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, Universidade Federal do Ceará, 2010.



SÁ, Nídia Regina Limeira de. Existe uma cultura surda? In **Cultura, poder e educação de surdos**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SANTOS, E. M. O. **Abordagem comunicativa intercultural (ACIN):** uma proposta para ensinar e aprender língua no diálogo de culturas. 2004. p. 432. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/302710>. Acesso em 30 jul. 2023.

SILVA, T. **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais Petrópolis. RJ: Vozes, 2000.

SOUZA, R. M. **Que Palavra que te falta:** linguística, educação e surdez. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SOUZA, R. M. **Práticas alfabetizadoras e subjetividade.** Em Surdez – Processos Educativos e Subjetividade. Cristina Broglia Feitosa Lacerda e Maria Cecília Rafael de Góes (org.) Lovise. São Paulo. 2000.

VARGAS, Vivian Gonçalves Louro; Souza, Shelton Lima de. **O (des) pertencimento dos sujeitos surdos no ambiente escolar “ouvinte”:** identidades, discursos de minorização e resistências. *South American Journal of Basic Education, Technical and Technological, [S. l.]*, v. 8, n. 2, p. 889–903, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/view/4018>. Acesso em: 28 jun. 2023.

VARGAS, Vivian Gonçalves Louro. **Formação dos professores surdos no curso de Letras-Libras da Universidade Federal do Acre:** características identitárias (re)construídas nas práticas dos docentes de língua de sinais. 2023. 209 p. Tese (Doutorado em Letras: Linguagem e Identidade). Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, Universidade Federal do Acre, Acre, 2023.

## APÊNDICE ENTREVISTAS

1 – Seu nome, sinal, idade, formação, experiência profissional, nasceu surdo/ouvinte.

Marcela: Sinal, idade 28, formação: Letras Libras, experiência profissional: professora de Libras, trabalha loja Youcom, nasci surda.

Luiz: Sinal, idade 41, formação: Letras Libras, Pedagogia, experiência profissional: professor Libras, nasci surdo.

Guilherme: Sinal, idade 29, formação: Letras Libras (ainda não concluído), Letras Português, experiência profissional: professor de Libras, nasci surdo.

2 – Como foi o seu contato inicial com a Libras e com a comunidade surda?

Marcela: Começou na escola quando eu ainda era criança, depois entrei na comunidade surda, desde a infância até hoje. CEADA, CEES, CAS.

Luiz: Começou na escola e na associação de surdo, nos dois, aos oito anos tive contato na escola e na associação.

Guilherme: Começou o contato com a comunidade surda no CEES e na Igreja aos doze anos, onde aprendi a Libras.

3 – Como é a sua interação no ambiente familiar?

Marcela: Começou com a Libras e a oralização, depois fiz opção de usar somente Libras, dependendo, em alguns lugares uso a Libras, em outros, uso gestos.

Luiz: Uso Libras, gestos e oralização, às vezes misturo os três.

Guilherme: Na família interajo falando, com os surdos uso a Libras, em contato com outras pessoas uso a oralização, gestos e a fala, também ensino Libras para melhor interagir.

4 – Quais os recursos que você utiliza para interagir com pessoas que não sinalizam?

Marcela: Uso diversos recursos, dependendo da experiência tento Libras, se percebo que não houve entendimento, tento gestos, mímicas, em alguns casos escrevo ou digito no celular, se a pessoa souber Libras, ótimo, muito melhor.

Luiz: Dependendo do local, exemplo no médico, tento oralizar/falar, se não conseguir escrevo ou digito no celular, em lojas apresento fotos ou imagem do que preciso, pego verifico se está certo, pago e pronto, em outra situação se o celular descarregar, fico sem jeito e vou embora.

Guilherme: Então, depende do local, por exemplo, na família eles escrevem, vou a loja, apresento o recado, pego as coisas, pago e vou embora, em outros casos, uso o celular para mostrar as imagens/fotos, verifico e pago, o desenvolvimento é

normal, mas depende, se tiver sorte de ter intérprete para interpretar em Libras, a conversa melhora.

5 – Quais os prejuízos sentidos devido à falta de acessibilidade linguística, na escola, no trabalho?

Marcela: Eu sinto prejuízo no médico, como me comunicar, é difícil, tenho prejuízo com o que estou sentindo, também no banco, é difícil me comunicar, preciso ir junto com pessoa para interpretar, dentro do trabalho tenho muito prejuízo, não tem intérprete, porque dentro do trabalho, dependendo tem reunião, eles falam e falam, é muito difícil saber do que se trata, eles escrevem o resumo da conversa, me sinto muito ruim, falta acessibilidade, ficaria feliz se eles soubessem língua de sinais, minha língua.

Luiz: Também na escola é difícil, em alguns locais que não tem intérprete é difícil, usar a língua de sinais fluente é difícil, também no trabalho e em diversos lugares, por exemplo na saúde, e em diversas lojas tenho muito prejuízo, como por exemplo, digito o que quero, quando chega está errado, estranho, e deixo para lá, é muito ruim, precisa aumentar o desenvolvimento e a divulgação da língua de sinais, falta isso.

Guilherme: Então, no médico tenho muito prejuízo, sempre vou junto com o meu pai ou minha mãe, eles vão junto sempre, tem barreiras, é muito difícil, como explicar receita médica? Não entendo, falta comunicação, também em outros lugares, dentro da escola no ensino fundamental, tive muito prejuízo, a intérprete fica conversando com a professora, é difícil, tem barreiras na aquisição, também no trabalho e em outros lugares, tem barreiras, como as pessoas não sabem nada de Libras, tenho prejuízo. Então, todos precisam fazer curso de Libras, focar em aprender e desenvolver.

6 - Você sofre ou já sofreu preconceito por ser surdo?

Marcela: Sim, já sofri bullying na escola, no trabalho, e na faculdade também já sofri, eles me humilham porque sou surda, não precisa, mas nossa luta precisamos sim continuar, tem zombaria e gestos que me incomoda até hoje.

Luiz: Também em diversos lugares, as pessoas olham com olhar de desprezos, fico incomodado, falam com zombaria, com piadas, acho estranho, eles fazem uns sinais que me sinto mal, deixo pra lá, esqueço tudo, me afasto e vou embora, nunca mais quero encontrar essas pessoas, quero é esquecer o assunto, não quero saber mais desse comentário, só me afasto desse tipo de gente, fico tranquilo, evito me preocupar, vou embora, estou cansado dessas coisas, é muito sofrimento, preciso de alívio, deixo pra lá, a vida continua.

Guilherme: Então, na escola eles querer humilhar, fazem piadas e gestos são muitas provocações, é difícil tenho muito prejuízo.

7 - Quais melhores estratégias que vocês usam quando encontram pessoas que não sabem nada de Libras?

Marcela: Se for em lojas por exemplo, posso mostrar os modelos de roupas, se é camiseta, blusa de manga curta, blusa de manga comprida, verifico se entendeu, mas se for no médico, é muito difícil explicar onde dói, qual órgão, não tem comunicação, é difícil, como usar classificadores ou gestos, não consigo explicar a dor que estou sentindo, explicar em qual órgão do corpo, é muito confuso, já em lojas, supermercados ou outros lugares simples, é possível usar gestos e classificadores, nesses lugares tem comunicação, uso essas estratégias.

Luiz: Então, nos médicos antigos chego, tento usar gestos e classificadores para tentar me comunicar, mas eles não entendem nada, eles escrevem, mas sua escrita é ruim, pergunto o que está escrito, não entendo nada, então explico para ele perceber onde estou sentindo e como é a dor, ele continua falando e escrevendo, mas não tem comunicação, não consigo estabelecer comunicação. Em outros médicos, por exemplo, médica nova, quando chego, explico o que estou sentindo e o local da dor, ela se esforça para entender os gestos e os classificadores, então coloca na receita médica, o nome dos medicamentos e a hora que devo tomar; com os médicos mais antigos é difícil me comunicar, não consigo estabelecer comunicação, mas com os médicos mais jovens, consigo me comunicar com gestos e mímicas. No banco tento gestos e mímicas, mas não tem entendimento, então escrevo e explico o que quero através da escrita, tudo certo, explico que quero dinheiro para comprar um carro, eles entendem e emprestam o valor, assino, digito a senha e vou embora. Em alguns bancos uso os gestos e mímicas, mas não tem comunicação e é proibido o uso do celular, estranho essas situações diferentes. Na escola tenho comunicação porque as pessoas sabem um pouco língua de sinais, consigo me comunicar, em algumas escolas, as pessoas não sabem língua de sinais e pedem pra eu esperar que vão chamar intérprete que trabalha lá, ótimo, então consigo estabelecer comunicação. No supermercado, coloco o que quero no carrinho, e quando vou pagar, no cartão de crédito, débito ou dinheiro, eles entendem, já em outros estabelecimentos, não tenho comunicação, precisa chamar outras pessoas, é muita espera, então passo as coisas, e explico em gestos e mímicas como será o pagamento. Dependendo do local uso gestos e mímicas e consigo me comunicar.

Guilherme: Então, como apresento as estratégias de comunicações, nas lojas de roupas, explico em gestos o modelo da roupa, eles trazem, explico tamanho, experimento, pago e tudo certo, em outros lugares, encontro amigos que sabem Libras, então conversamos em língua de sinais, mas dependendo do local, se encontro pessoas que não sabem língua de sinais, escrevo, mostro, eles escrevem, e usamos essa estratégia, fica fácil a comunicação.